

# O que diz a morfologia sobre os glides? Para uma visão além da fonologia

(What does morphology say about glides? For a view beyond phonology)

Evilázia Ferreira Martins<sup>1</sup>

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras (POSLIN/FALE) –  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

evilaziamartins@gmail.com

**Abstract:** Can morphological context influence the occurrence of a glide in Brazilian Portuguese (BP)? The search for an answer to this question led us to this paper. It comes from reading the papers regarding the glide, most of which considered the phonological influences, but did not evaluate the morphology – or did so only partially. Given this descriptive gap and the importance of checking it in order to describe the glides in BP, this paper researched the occurrence of glides in contexts within a given morphological influence and concluded that: a) falling diphthongs tend not to form in derivational processes if their elements are separated by morphemic limitations; b) these diphthongs occur when the morphological process is inflectional. Therefore, the occurrence of glides in BP is evidence of a difference between the two processes.

**Keywords:** diphthongs; Brazilian Portuguese; morphology; phonology.

**Resumo:** O contexto morfológico pode influenciar a ocorrência de glides no Português Brasileiro (doravante PB)? A busca pela resposta dessa pergunta motivou-nos a realização deste trabalho. Ela advém da leitura de trabalhos sobre o glide que, em geral, consideravam somente as influências fonológicas e que não avaliavam, ou parcialmente avaliavam a morfologia. Tendo em vista essa lacuna descritiva e a importância de sua verificação para a descrição dos glides no PB, este trabalho investigou a ocorrência de glides em contextos de influência morfológica e concluiu que: a) ditongos decrescentes tendem a não se formar em processos derivacionais se seus elementos estão separados por limites de morfemas; e b) esses ditongos ocorrem quando o processo morfológico é flexional. A ocorrência dos glides é, assim, uma evidência para a diferenciação entre esses dois processos no PB.

**Palavras-chave:** ditongos; Português Brasileiro; morfologia; fonologia.

## Introdução

O Português Brasileiro (PB) possui dois tipos de ditongos: os crescentes (piada, luar) e os decrescentes (leite, noite). Os primeiros são constituídos, em grande parte, por ditongos que podem variar com hiatos e, são, assim, considerados pós-lexicais (fonéticos). Os segundos, pelo contrário, são constituídos em sua maioria por ditongos que não possibilitam essa alternância e, por isso, são definidos como lexicais (fonológicos). Em geral, as análises clássicas (CÂMARA JR., 1953, 1969, 1970; BISOL, 1989, 1994, 1996, 1999; SILVA, 1992; RODRIGUES, 2007, 2012; SIMIONI, 2005, 2011) que discorrem sobre o fenômeno focam apenas em seus aspectos fonológicos e não desenvolvem, ou desenvolvem marginalmente, a discussão sobre uma possível influência morfológica (análise mais detalhada somente em Giangola (1997)). Visto isso, este trabalho tem o objetivo de investigar e responder às seguintes perguntas: a) como o contexto morfológico pode

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística Teórica e Descritiva – UFMG. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

influenciar a ocorrência de ditongos? Isto é, existe alguma restrição ou contexto condicionante para a ocorrência dos mesmos? b) Se sim, quais são esses contextos?; e c) Os constituintes prosódicos, como o acento e a sílaba, estão envolvidos?

Para isso, estruturamos a discussão em duas partes: na primeira, desenvolvemos, especificamente, a revisão da literatura, que reflete a relação entre morfologia e ditongos, e, na segunda, descrevemos a nossa análise descritiva.

### A morfologia e a formação dos glides – breve histórico

Uma das primeiras propostas descritivas para os ditongos no PB que aponta, embrionariamente, para uma possível influência morfológica, é a de Câmara Jr. (1953).<sup>2</sup> Em sua análise, de cunho acentual, além de discutir o *status* fonêmico dos glides,<sup>3</sup> ele discute a possibilidade de variação entre ditongo e hiato em sílabas átonas. Conforme o autor, a tendência, nesses casos, é a realização do ditongo, salvo quando o vocábulo é derivado de outro, no qual a vogal alta era tônica, como nos casos abaixo:

- (1) *traição* [tRa.i.'sãũ]
- (2) *saimento* [sa.i.'mẽ.tu]
- (3) *abaulado*<sup>4</sup> [a.ba.u.'la.du]

Nas palavras acima, nas quais há a formação de nomes a partir de verbos, a tendência é a manutenção do hiato marcado pelo acento da forma de base. A observação ainda prematura de Câmara Jr. (1953) conduz-nos a questionamentos sobre a atuação da analogia morfológica e o acesso de informações lexicais pela variação ou durante a formação do ditongo, visto que o processo derivacional modifica a posição do acento, mas, aparentemente, mantém a tendência ao hiato, própria da vogal alta tônica. Os casos acima divergem da tendência geral apontada pelas análises fonológicas (principalmente do final dos anos 1980 e na década de 1990) de que o [i] átono precedido por vogal sempre se torna um glide.

Na Fonologia Linear<sup>5</sup> temos a primeira análise fonológica do PB a considerar a interação entre contexto morfológico e os glides. Leite (1974, p. 82-83) propõe que os glides presentes nas formas de plural de palavras como *hotel/hotéis*, *hável/háveis* sejam formados por uma regra de assilabificação (*asyllabification*). A participação da morfologia é restrita aos processos de pluralização, quando há a vocalização da consoante lateral do radical antes da forma de plural:

- (4) *hotel-hotéis*  
/otɛl + PL/ ⇨ [o'tei + s] ⇨ [o'teis]<sup>6</sup>  
(LEITE, 1974, p. 78)

<sup>2</sup> Edição consultada: 2ª de 1977.

<sup>3</sup> Neste estudo, o autor propõe que há glides fonêmicos (CÂMARA JR., 1953, p. 56).

<sup>4</sup> Cf. *Abaular*: a- + *baul* (f. ant de *baú*) + -ar (Cf. HOAUSS, 2009)

<sup>5</sup> *The Sound of pattern of English (SPE)*, Chomsky e Halle, 1968.

<sup>6</sup> Outras representações intermediárias foram omitidas.

Ainda na perspectiva gerativa, o trabalho de Lopez (1979)<sup>7</sup> propõe que tanto as vogais quanto os glides são soantes não consonantais ('V'), isto é, são subespecificados. A silabificação é que determina o valor e o posicionamento desses segmentos na sílaba. Assim, vogais [-altas] sempre constituirão núcleos silábicos e vogais altas ([i, u]) geralmente tornam-se glides (ou semivogais) quando antecedidas por vogais e seguidas por final de sílaba (V\_\_ \$) (conf. *noite* [noĩ.tʃɪ], *saia* [saĩ.a]). Na proposta de Lopez, essa silabificação acontece antes da aplicação do acento.

Entretanto, há contextos nos quais, antes da aplicação do acento, a formação desse glide não ocorre. Assim, as vogais altas ([i, u]) constituirão núcleo silábico, isto é, serão vogais, quando localizadas nos seguintes contextos:

**Quadro 1.** Contextos de ocorrência do hiato

	Contexto	Exemplo
<b>1- Em final de palavra</b>	'V' <sub>[+hi]</sub> V/ __ #	<i>maí</i> – pássaro
<b>2- Antes de duas consoantes</b>	'V' <sub>[+hi]</sub> V/ __ CC	<i>mainça</i>
<b>3- Antes de uma consoante em final de palavra</b>	'V' <sub>[+hi]</sub> V/ __ C#	<i>raiz</i>
<b>4- Após um limite de morfema</b>	'V' <sub>[+hi]</sub> V/ + __	<i>atra+i+do</i>

Na análise supracitada, sempre que o elemento subespecificado [+ alto] for seguido por borda de palavra, duas consoantes, uma consoante e borda de palavra ou, por fim, ser antecedido por morfema, ele será uma vogal alta e não um glide.

Entretanto, os contextos podem ser questionados. Como observamos nos dados da língua, há vários exemplos de ditongos em final de palavra (apogeu, berimbau, colorau, europeu, psiú, samurai), que contradizem o contexto (1) apresentado acima. Com relação ao contexto (2), há realmente poucos exemplos no PB de glides seguidos por soantes em coda (*muito* /muĩNto/, *câimbra* /kaĩNbra/), o que confirma o exposto acima. No item (3), há poucos exemplos na língua de hiatos (juiz [zu.'is]) e ditongos (cais ['kaĩs], mais ['maĩs], jamais [za.'maĩs], seis ['seĩs], dois ['doĩs], adeus [a.'deus]) no contexto supracitado. Ainda assim, os ditongos prevalecem e não o hiato.

E, por último, o item 4 com contexto morfológico, foco deste trabalho. Conforme a autora, após um limite de morfema, os glides não ocorrem, apenas as vogais altas. No exemplo acima, o morfema [i] recebe o acento. Todavia, neste mesmo contexto morfológico, ocorrem também os ditongos, como podemos ver em (ele) *atrai* [atRa+ɪ] (3ª pessoa do singular do presente do indicativo). A autora explica a ditongação pelo ordenamento de regras. Isso é explicado no item (b) abaixo.

Em sua análise, Lopez (1979) afirma que as regras acima valem para a maioria dos casos, exceto para as palavras derivadas, pois elas têm a silabificação do radical igual à da palavra base, sendo essa última influenciada pelo contexto final de palavra. Ela confirma, assim, a proposta de Câmara Jr. (1953) que expusemos anteriormente:

(5) *raizada* [ha.i.'za.da] de *raiz* [ha.'is]

<sup>7</sup> A autora denomina os glides de ditongos decrescentes de semivogais e de ditongos crescentes como semiconsoantes. Não fazemos essa distinção aqui. Preferimos chamá-los somente de glides.

Com base no ordenamento, após a aplicação do acento, ainda podem ser utilizadas regras de conversão de vogais altas átonas em glides para corrigir o padrão acentual e ampliar a proeminência da sílaba tônica. Diferentes dos glides anteriormente citados, os gerados por essa regra podem formar ditongos através do limite morfológico. Essa regra pode atuar:

a) em vogais finais [i] e [u] de adjetivos e nomes. Elas tornam-se núcleos sempre que forem precedidas por vogal e borda de morfema e seguidas por final de palavra (V+\_\_\_#). Como não são parte do radical, elas não podem ser acentuadas. Depois da aplicação da regra de conversão, elas se tornam glides (pau /pa+u/ [ˈpaʊ]). Em nossa análise, a sequência ‘pau’ é todo o radical;

b) nos temas verbais /i/ e /e/ antecedidos por vogais. Eles são núcleos silábicos quando a regra que recua o acento nos verbos é aplicada. Após sua aplicação, eles se tornam glides. A regra se aplica em casos como *intui* /intu+i/ [ˈtɥi] (conf. *intuir* /iNtuir/);

c) nas palavras terminadas em /i/ ou /u/ seguidas de /z/ irregularmente acentuadas na penúltima sílaba (dois /dois/ [ˈdoɪs]) (a maioria das palavras terminadas em consoantes é acentuada na vogal que imediatamente as precede, localizada no final do radical).

Sobre os possíveis pares mínimos (ele) *riu* [ˈhiʊ] (3ª pessoa do singular do presente do indicativo) e (eu) *rio* [ˈhi.u] (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo – substantivo), a autora defende que não há um contraste sistemático entre o glide e a vogal, sendo assim mais justificável explicar esses dados por uma restrição morfofonológica na regra de conversão.

Nos pares (ele) *intui* [ĩ.tuɪ] (3ª pessoa do singular do presente do indicativo) e (que ele) *atue* [a.tu.i] (3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo), também é difícil sustentar contraste entre glide e vogal alta, visto que, no primeiro caso, o glide não pode ser subjacente, pois ele é uma vogal temática que, em outras situações, emerge como vogal (*intui* [ĩ.tuɪ] e *intuir* [ĩ.tu.ˈi]). Seguindo sua proposta de ordenamento, na qual a neutralização ocorre antes da regra de conversão, há problemas para explicar os pares acima, visto que as palavras com vogais médias finais também seriam atingidas. Visto isso, para os casos nos quais o ditongo não se aplica, como a 1ª pessoa do singular do indicativo e o subjuntivo, ela propõe uma restrição morfológica.

Já os estudos atuais sobre o ditongo e o hiato no PB pela visão paralelista da Teoria da Otimalidade (TO) resultam no estabelecimento de uma segunda geração de análises sobre o fenômeno. A mudança teórica implicou na reestruturação do conhecimento sobre o tema, visto que, nas análises anteriores à TO, o ordenamento explicava principalmente as alternâncias entre hiato e ditongo e corrigia padrões através de regras de acento e silabificação.

Pela TO, o desenvolvimento das pesquisas sobre os glides foi em direção ao aprofundamento do conhecimento sobre os ditongos crescentes, a relação entre o acento e a sílaba na formação de glides e, por fim, da morfologia.

Rodrigues (2012) realiza estudo sobre a epêntese vocálica, a degeminação e o alteamento com produção de glide ambissilábico<sup>8</sup> nos encontros vocálicos átonos (*vácuo*, *série*) e em sequências VV com V<sub>1</sub> tônica em finais de palavra no dialeto carioca. Para

<sup>8</sup> Exemplos: [le.oʊ.ʊa] leoa, [di.ɹa] dia.

isso, a autora realizou análise acústica (oitiva e PRAAT) e fonológica pela TO. Sobre a influência morfológica nos dados, ela afirma que:

[...] a manutenção ou dissolução de determinados hiatos ocorre para que não haja neutralização de número e de pessoas verbais (eu rio/ele riu), o que evidencia uma motivação não apenas fonológica, mas também morfológica para a realização ou não de um ditongo decrescente. (RODRIGUES, 2012, p. 40, grifo nosso)

Já Giangola (1997) descreve os glides do dialeto baiano (Salvador-BA). Nessa proposta, os glides podem ser previsíveis se forem considerados a prosódia, o acento e a morfologia. Segundo o autor, os ditongos decrescentes têm uma distribuição ampla (imediatamente após o acento ou posição pretônica) e são considerados não marcados:

- (6) pai        [ˈpaɪ̯]
- (7) paixão    [paɪ̯.ˈʃãũ]

Já os ditongos crescentes ocorrem apenas no contexto postônico:

- (8) lábio      [ˈla.bɪ̯+u]
- (9) tábua      [ˈta.bɪ̯a]

E o hiato, no contexto pretônico:<sup>9</sup>

- (10) cueca      [ku.ˈe.ka]

Com relação à morfologia, a análise propõe que os glides de ditongos decrescentes não ocorrem em bordas de morfemas e cita como exemplos:

- (11) tio        [ˈti.+u]
- (12) til        [ˈti̯]
- (13) vôo      [ˈvo+u]
- (14) vou      [ˈvo̯]
- (15) atue      [a.tu.+i] (3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo)
- (16) intui     [ĩ.tu̯] (3ª pessoa do singular do presente do indicativo)

A análise propõe que o glide [ɪ̯] em (16) é uma vogal temática e, por isso, não forma um ditongo decrescente em borda de morfema.

Observamos que, na língua, os exemplos (11) e (13) podem se realizar como hiatos, mas também como ditongos decrescentes. Diferentemente dos dados em (14) e (16). Desse modo, discordamos do posicionamento do autor de que a morfologia atua para impedir a formação do ditongo decrescente em (11) e (13). Nesses casos, o ditongo decrescente não ocorre devido à qualidade da vogal (média) e quando ele ocorre, a motivação é estritamente fonética. O mesmo argumento pode ser considerado para o dado em (12).

<sup>9</sup> O autor também realiza uma breve análise das sequências kw e gw, entretanto, não as discutiremos.

A influência morfológica, ainda que seja entre o radical e a vogal temática somente pode ser observada em (16) e em (15).

Ainda conforme Giangola (1997), a influência morfológica também é observada entre prefixos e verbos. Apesar de haver uma sequência VV<sub>[+alta]</sub>, a segunda vogal não se torna um glide devido ao limite de morfema:

(17) proibir [pRo+.i.'bir]

Por fim, essa análise também aponta para a influência morfológica entre as formas derivadas e a forma de base, com a manutenção do hiato, assim como Câmara Jr. (1953) e Lopez (1979) (GIANGOLA, 1997, p. 145). As formas de base correspondem aos números de (18) a (20) e as formas derivadas de (21) a (23):

(18) ciúme [si.'u.mi]

(19) miúdo [mi.'u.du]

(20) juiz [ʒu.'iz]

(21) ciumento [si.'u.m+ẽ.tu]

(22) miudinho [mi.u.d+i.nu]

(23) juizado [ʒu.i.'z+a.du]

Nas análises acima, podemos observar que há convergências no estabelecimento da influência morfológica existente entre a forma de base e a forma derivada (CÂMARA JR., 1953; LOPEZ, 1979; GIANGOLA, 1997) e na influência da borda morfológica que influencia e impede a formação do ditongo decrescente (LOPEZ, 1979; GIANGOLA, 1997). Divergências também podem ser identificadas, principalmente fundamentadas nas diferenças teóricas que sustentam as análises: teoria gerativa padrão, em Lopez (1979), e Teoria da Otimalidade, em Giangola (1997). Abaixo, apresentamos nossa análise descritiva com relação à influência morfológica nos ditongos crescentes e decrescentes.

## Análise

### Os ditongos decrescentes e o processo de formação de palavras por derivação

As línguas podem ativar variados processos a fim de evitar o hiato (CASALI, 1996). Entretanto, observamos que, nos processos de formação de palavras por derivação, no PB, há uma forte tendência a evitar a formação de ditongos em bordas de morfemas, como podemos observar nos seguintes exemplos:

(24) criançice [criança+ice] [kri.an.'si.si]

(25) fortíssimo [forte+issimo] [foh.'ti.si.mu]

(26) petista [pete+ista] [pe.'tis.ta]

(27) partícula [parte+icula] [pah.'ti.ku.la]

(28) doçura [doce+ura] [do.'su.ra]

(29) carnudo [carne+udo] [kah.'nu.du]

- (30) alimentício [alimento+ício] [a.li.mẽ.'ti.ʃu]
- (31) ferrugem [ferro+ugem] [fe.'hu.ʒẽi]

Podemos observar nos exemplos de (24) até (31) que há o apagamento das vogais (a, e, o) em final de palavra, consideradas marcadores de palavras (LEE, 1995). O apagamento evita sequências formadas por duas vogais na língua. Nos casos acima, podemos concluir que são evitados tanto os hiatos quanto os ditongos decrescentes, visto que a natureza da segunda vogal contém o traço [+alto]. Além disso, as vogais altas [i, u] recebem o acento primário.

Dentre os dados ilustrados acima, chamamos a atenção para o exemplo (26). A sigla PT, pronunciada [pe.'te], é oxítônica, isto é, apresenta o acento primário em sua última vogal e, ainda assim, a vogal apaga-se para evitar a sequência vocálica.

Entretanto, diferente do exemplo supracitado, as vogais tônicas na borda direita do radical da palavra base tendem a se manter nas formas derivadas. Quando isso ocorre, a sequência vocálica acontece e a preferência, na língua, é pelo hiato em detrimento ao ditongo decrescente:

- (32) hinduísmo [hindu+ismo] [i.du.'iz.mu]
- (33) cafeína [cafe+ina] [ka.fe.'i.na]
- (34) europeísmo [europeu+ismo] [eu.ro.pe.'iz.mu]
- (35) cocaína [coca+ina] [ko.ka.'i.na]
- (36) vadiice [vadi+ice] [va.di.'i.si]

Os exemplos de (32) a (36) mostram que as vogais finais são mantidas na forma de base do radical devido à influência do acento primário atribuído às vogais dessas formas. As vogais [+altas] que iniciam os sufixos e seguem essas vogais recebem o acento primário da palavra derivada, formando assim, o hiato. Podemos concluir, desse modo, que ainda que o hiato (sequência VV) tenda a ser evitado nas línguas, no PB, é preferível a formação do hiato à formação de ditongo decrescente entre a borda de radical e morfema derivacional.

### Ditongo decrescente e a flexão

Segundo Lopez (1979), a tendência é a formação do hiato quando a vogal alta vem precedida de borda morfológica. Para Giangola (1997), o ditongo decrescente é evitado entre bordas de morfemas tanto em nomes quanto em verbos. Entretanto, após a análise acima, podemos concluir que a formação de ditongos decrescentes é evitada entre o radical e os sufixos derivacionais e entre os prefixos e o radical. Diferentemente de Lopez (1979) e Giangola (1997), propomos que há a formação de ditongos entre bordas de morfema flexionais. Nesse último caso, afirmamos que a formação de ditongos decrescentes ocorre motivada pelo contexto morfológico.

- (37) *achei* [a{e+ɨ}] (entre alomorfe da vogal temática e sufixo flexional)
- (38) *perdeu* [pehde+ɥ] (entre vogal temática e sufixo flexional)
- (39) *atrai* [atRa+ɨ] (entre radical e vogal temática)

Por fim, na formação de plural, o contexto morfológico proporciona uma estrutura silábica bastante rara no PB (anzol – anzols).<sup>10</sup> Pressões silábicas desencadeiam processos fonológicos que modificam a consoante /l/ em um glide coronal [ɫ]. Assim, estrutura silábica e morfologia atuam em conjunto nesses casos de pluralização (anzol – anzóis).

### Ditongo decrescente e a analogia morfológica

Assim como já foi descrito por Câmara Jr. (1953), Lopez (1979) e Giangola (1997), o hiato é mantido por analogia morfológica em contextos que, devido às pressões da estrutura silábica, o ditongo decrescente deveria ocorrer. Entretanto, o acento da forma de base influencia a manutenção da vogal alta na forma derivada. Além dos exemplos citados nas análises apresentadas anteriormente, podemos comprovar essa tendência por meio de outros exemplos, como:

- (40) suingue [su.ˈĩ.gɪ]
- (41) suingão [ˌsu.ĩ.ˈg+ãõ]
- (42) jesuíta [ˌʒe.zu.ˈi.ta]
- (43) jesuitismo [ʒe.ˌzu.i.ˈtiz.mu] ~ [ˌʒe.zu.i.ˈtiz.mu]
- (44) sair [sa.ˈih]
- (45) saideira [ˌsa.i.ˈde.ra]

A atribuição do acento atua em conjunto com a morfologia para impedir a formação do ditongo decrescente, mantendo a qualidade original da vogal. A possibilidade do hiato pode ser percebida mais facilmente por intermédio da atribuição do acento secundário, como é ilustrado nos exemplos (40), (43) e (45) acima. Conforme Lee (1995), o PB evita choque de acentos (conf. *café* [ka.ˈfɛ], *cafezinho* [ˌka.fɛ.ˈzi.ju]). Visto isso, se o acento primário recai sobre a sílaba (gão) em (46), o acento secundário só poderá ser atribuído na sílaba (su). Logo, como a língua evita choques de acento, o [i] tem qualidade de vogal e não de glide. Os acentos secundários nos permitem identificar melhor a ocorrência do hiato.

(\* .)(\*)

- (46) su. in.gão

Em (43), como o número de sílabas pretônicas é ímpar, pode haver a formação de um pé troqueu (\* .) ou de um pé datílico (resultado do efeito de início de palavra). Esse mesmo pé datílico não é permitido em formas como *degrauzinho* ([ˌde.graυ.ˈzi.ju]), pois o segmento alto é um glide na forma de base e, nesse caso, apenas o pé troqueu é permitido.

<sup>10</sup> Confira solstício.

## Manutenção do hiato na prefixação

Segundo Giangola (1997, p. 150), há ausência de ditongos decrescentes entre prefixos e radicais no PB (conf. proibir). Sua afirmação pode ser confirmada ao observar outros prefixos como:

- (47) reinstalar [he.ĩ.ta.'lah]
- (48) reutilizar [he.u.ti.li.'zah]
- (49) reunião [he.u.ni.'ãõ]
- (50) entreolhar [ẽ.tre.o.'ʎah]
- (51) entreouvir [ẽ.tre.oʊ.'vih]

No exemplo (47), podem ser nasalizadas as duas vogais (ditongo) ou apenas a vogal [i] (hiato). Nos casos (47), (48) e (49), foneticamente pode ocorrer a ditongação, mas a língua também permite o hiato, próprio da fonologia, mantendo a qualidade das duas vogais. Nos casos citados em (50) e (51), o alçamento da vogal média característico do PB (conf. preocupado [preʊ.ku.pa.dʊ]), não ocorre mantendo a qualidade das duas vogais, logo, o hiato.

Por fim, vejamos os seguintes exemplos:

- (52) pré-escola [preɿs.'kɔ.la]
- (53) preestabelecer [preɿs.ta.be.le.'seh]
- (54) pré-histórico [preɿs.'tɔ.ri.ku]
- (55) reeleição [he.e.leɿ.'sãõ]
- (56) reelaborar [he.e.la.bo.'rah]

Nos casos acima, quando a segunda vogal da sequência ([e]) é seguida por sibilante coronal [s], o alçamento da vogal média é permitido, formando, assim, o ditongo, sequência vocálica bastante recorrente na língua para esses casos. Vejam que o alçamento não ocorre nos exemplos (55) e (56).

A possibilidade de alternância permite levantar hipóteses sobre a qualidade dos prefixos; se podem funcionar como formas livres na língua e permitirem os processos que são comuns entre palavras (café escuro [ka.feɿs.ku.ru]), como em (52), (53) e (54), ou se funcionam somente como prefixos e não permitem (ou evitam) certos processos como alçamento, ditongação em bordas de morfemas como em (55) e (56).

## Modificação da qualidade da vogal alta tônica intervocálica

Vimos, acima, exemplos nos quais a morfologia e o acento atuam em conjunto para evitar a formação do ditongo decrescente. Entretanto, também há contextos, nos quais os dois atuam juntos para a formação dos glides intervocálicos, resultando assim, em uma sequência de ditongo decrescente e crescente. Vejamos os casos abaixo:

(57)	Bahia		[ba.'i.a]
(58)	baiano	[baia+ano]	[baɪ.'ɹa.nu]
(59)	Havaí		[a.va.'i]
(60)	havaiano	[havai+ano]	[a.vaɪ.'ɹa.nu]

Podemos observar que a borda de morfema localiza-se entre o glide seguido de vogal, isto é, entre a sequência que forma o ditongo crescente e não no interior do ditongo decrescente. Fato que corrobora, novamente, o impedimento da formação desse ditongo entre bordas de morfemas. Entretanto é o ambiente derivado que propicia o glide. Nesse caso, ele é lexical e não se alterna com a vogal alta da forma de base no contexto derivado.

### Ditongo crescente, hiato e acento primário

O PB tende a manter o hiato nas posições pretônicas, evitando, assim, o ditongo crescente (GIANGOLA, 1997). Entretanto, em alguns contextos, o ditongo pode ser categórico devido a restrições fonológicas, como nos exemplos com glides intervocálicos nos quais há a formação de um ditongo decrescente seguido por crescente (conf. (58) e (60)). Vejamos nos itens (62) e (64) outra situação. Nela, os ditongos crescentes pretônicos categóricos serão formados quando houver sequências com mais de três segmentos vocálicos, sendo as duas primeiras, duas vogais altas consecutivas. Em geral, a primeira vogal alta se tornará um glide enquanto que a segunda, portadora do acento primário da forma de base (conf. (61) e (63)), se manterá uma vogal seguida por outra vogal de altura diferente. Isso ocorre porque o PB evita sequências formadas por dois glides e o acento mantém a qualidade da segunda vogal (diferentemente de (58) e (60)).

(61)	Piauí	[pi.aʊ'i]
(62)	piauiense	[pi.aʊ.ʊi.'ẽ.si]
(63)	Tucuruí	[tu.ku.ru.'i]
(64)	tucuruense	[tu.ku.rʊi.'ẽ.si]

Em (59), exemplo no qual há uma sequência de 5 elementos com propriedades vocálicas, o segundo [i] sempre será uma vogal visto que ele imediatamente segue um glide [ʊ] e o PB evita sequências formadas por 2 glides.

Ainda segundo esta pesquisa, os ditongos crescentes não são sensíveis à borda morfológica na concatenação, podendo gerar, assim, alternâncias como em [ka.ʃi.'ẽ.si] ~ [ka.'ʃiẽ.si] *caxiense*.

### Considerações finais

O objetivo deste trabalho era responder as seguintes perguntas: a) como o contexto morfológico pode influenciar a ocorrência de ditongos? Isto é, existe alguma restrição ou contexto condicionante para a ocorrência dos mesmos? b) Se sim, quais são esses contextos?; e c) Os constituintes prosódicos, como o acento e a sílaba, estão envolvidos?

Após a análise e discussão das propostas já realizadas sobre o tema e após a análise de nossos dados, chegamos à conclusão que a morfologia evita a ocorrência de diton-

gos entre bordas de morfemas na derivação e na prefixação, ocorrendo, assim, o hiato. Na derivação, a primeira vogal de uma sequência VV é apagada, se for vogal temática. Se não for, é mantida, mas forma um hiato com a vogal seguinte. Já na prefixação, também ocorre o hiato devido à borda morfológica. Por questões fonéticas, os ditongos poderão ocorrer em variação com o hiato em alguns prefixos, mas em outros não (o que nos faz questionar o estatuto desses prefixos na língua).

Já durante a flexão, os ditongos decrescentes são permitidos, ainda que existam bordas morfológicas separando os segmentos vocálicos.

Outros dados, por nós coletados, ratificam as propostas de Câmara Jr. (1953), Lopez (1979) e Giangola (1997) para a influência morfológica e acentual da forma de base na forma derivada para a manutenção do hiato. Propomos que o acento secundário pode dar pistas dessa ocorrência.

Ainda a morfologia atua juntamente com o acento para formar glides intervocálicos. Entretanto, a mesma formação é bloqueada por restrições fonológicas quando há sequências com mais de três seguimentos com os dois primeiros [+altos] e o segundo tônico na forma de base. Nesse caso, o primeiro segmento alto se torna um glide e o segundo mantém-se vocálico.

Por fim, nos plurais de palavras terminadas em -l, a morfologia cria o contexto para a alteração fonológica, visto que a sílaba formada não é um padrão próprio do PB.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA JR., J. M. *Para o estudo da fonêmica da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1953.

\_\_\_\_\_. *Problemas de língua descritiva*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1970-1984.

CASALI, R. F. *Resolving hiatus*. 1996. (Doctorate of Philosophy in Linguistics) – University of Los Angeles, Los Angeles, 1996. Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu/files/215-0997/215-0997-CASALI-0-0.PDF>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, ago. 1989.

\_\_\_\_\_. Ditongos derivados. *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 10, p. 123-140, 1994. Edição Especial.

\_\_\_\_\_. O sândi e a rressilabação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 159-168, jun. 1996.

\_\_\_\_\_. *A sílaba e seus constituintes*. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do Português Falado: novos estudos*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999. p. 701-742. v. 7, cap. 5.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.

GIANGOLA, J. P. Constraint Interaction and Brazilian Portuguese Glide Distribution. In: KUSUMOTO, K. (Ed.). *Proceedings of NELS 27*, p. 143-157, 1997. Disponível em: <<http://rona.rutgers.edu/files/182-0397/182-0397-GIANGOLA-0-0.PDF>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEE, S. H. *Morfologia e fonologia do português do Brasil*. 1995. 189 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

LEITE, Y. de F. *Portuguese Stress and Related Rules*. 174. 152 f. Dissertation (Doctorate of Philosophy) – University of Texas, Austin, 1974.

LOPEZ, B. S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan Dialect)*. 1979. 265 f. Dissertation (Doctorate of Philosophy in Linguistics) – University of California, Los Angeles, 1979.

MARTINS, E. F. *Os glides no português brasileiro*. 2011. 156 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SILVA, T. C. *Nuclear Phenomena in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Londres, Londres, 1992.

SIMIONI, T. *A alternância entre ditongo crescente e hiato em Português: uma análise otimalista*. 2005. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Estudo da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4523/000502077.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. *Uma análise dos vocóides altos em português brasileiro: relações entre silabificação e a atribuição do acento*. 2011. 147 f. Tese (Doutorado em Letras, Teoria e Análise Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/33326/000789301.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

RODRIGUES, M. C. *O hiato no português: a tese da conspiração*. 2007. 133 f. Dissertação (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/RodriguesMC.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. *Encontros vocálicos finais em português: descrição e análise Otimalista*. 2012. 223 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/GomesMCR.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.